

Nota sobre a Mobilidade Social no Brasil¹

José Pastore
Universidade de São Paulo

Nelson do Valle Silva
Laboratório Nacional de Computação Científica (CNPQ)

Esta pesquisa examina a dinâmica da mobilidade social no Brasil, comparando dados de 1973 com informações semelhantes de 1996. Através da análise de “coortes de idade” dos informantes (chefes de família, homens, entre 20 e 64 anos de idade), os dados permitem visualizar, na prática, a evolução da estrutura social brasileira ao longo de todo o século XX. Este resumo focaliza apenas a mobilidade social entre gerações².

A medida básica para o estudo da mobilidade social é o status sócio-econômico que combina educação, ocupação e renda³. Para detectar a mobilidade os status dos filhos são comparados com os status de seus respectivos pais.

Os estudos de mobilidade social não são "flashes" de curto prazo e sim "filmes" que procuram captar a evolução social das gerações através do tempo. Desde o início do século XX, a mobilidade social no Brasil foi intensa. Entretanto, o grosso da mobilidade ascendente sempre foi e continua sendo de curta distância. Ou seja, muitos sobem pouco, e poucos sobem muito. Isso provoca um estiramento da estrutura social. Daí a convivência de muita mobilidade com alta desigualdade.

No passado (décadas de 50 a 70), a mobilidade social no Brasil foi predominantemente “estrutural”, decorrendo de transformações do mercado de trabalho. As pessoas, mesmo sem grande preparo profissional, aproveitaram-se das oportunidades de trabalho que surgiram na indústria, comércio, bancos, empresas estatais, administração direta e outros avanços no emprego que marcaram os anos de 1950-70. Uma grande parte

¹ Apresentado no Painel "Cinco Décadas de Questão Social no Brasil: 1950-2000" do *Mini Fórum Nacional*, INAE, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 2004. Material completo pode ser encontrado no livro **Mobilidade Social no Brasil** (prefácio de Fernando Henrique Cardoso), São Paulo: Editora Makron Books, 2000.

² O livro citado inclui estudos de mobilidade social inter e intrageracional.

³ Para detalhes metodológicos, ver o capítulo 2 do livro.

da ascensão social decorreu da intensa migração rural-urbana.

Naquelas décadas, houve pouca mobilidade “por trocas” - também chamada de mobilidade circular - na qual, para uma pessoa subir, outra tem de desocupar a posição (descendo, aposentando ou morrendo). No Brasil atual, a mobilidade circular aumentou mais de 6 pontos percentuais (24%). O mercado de trabalho tornou-se mais competitivo. O peso da qualificação, competência e educação é maior hoje do que no passado (Tabela 1).

Tabela 1
Mobilidade Estrutural e Circular (%)

Tipos	1973	1996	Diferença em p.p.
Total	58,5	63,2	+4,7
Estrutural	32,8	31,4	-1,4
Circular	25,7	31,8	+6,1

A estrutura social brasileira está se abrindo gradualmente. Ao se comparar as duas séries de dados, verifica-se que, no topo da pirâmide, por exemplo, o estrato social mais alto – a elite – passou de 3,5% para quase 5% e o estrato médio-superior – classe média alta – saltou de 6% para quase 7,5%. No caso da elite, o aumento foi de 43% e no do estrato médio superior, 25% (Tabela 2).

Tabela 2
Evolução da Estrutura Social
(em %)

Estratos Sociais	1973	1996	Crescimento
Baixo	48,0	47,5	Estável
Inferior	32,0	24,0	- 25
Superior	16,0	23,0	+ 45
Médio	48,0	47,5	Estável
Inferior	24,0	27,0	+ 12
Média	18,0	13,0	- 27
Superior	6,0	7,5	+ 25
Alto	3,5	5,0	+ 43

Exemplos de Ocupações dos Diversos Estratos Sociais: Baixo Inferior (lavrador, pescador, lenhador, etc.); Baixo Superior (braçal, servente, vigias, etc.); Médio Inferior (pedreiro, eletricitista, marceneiro, etc.); Médio Médio (pracistas, viajantes, chefes de nível baixo, etc.); Médio Superior (assessores, gerentes de alto nível, diretores, etc.); Alto (grandes proprietários, magistrados, pessoal de nível superior, etc.)

O fenômeno mais notável foi o encolhimento da base da pirâmide social. Entre os

pais dos chefes de família de 1973, 65% pertenciam ao estrato baixo inferior (lavradores, pescadores, braçais do meio rural, etc.). Já entre os seus filhos, esse percentual caiu para 32%. No caso de 1996, a queda prosseguiu. Os pais dos chefes de família eram 55% e os filhos, 24% (Tabela 3).

Nota-se ainda a ampliação dos estratos médios - fato já observado nos dados de 1973. Para os dados de 1996, entre pais e filhos, o estrato médio-inferior (trabalhadores qualificados e semi-qualificados) passou de 16% para 27%; e o estrato médio-superior (profissionais de nível médio e médios proprietários) saltou de 3,4% para 7,4%.

Hoje em dia, o topo da estrutura social brasileira (estratos alto e médio superior) engloba 12,3% dos chefes de família; em 1973, englobava 9,8%. Houve um incremento acentuado desse estrato, ou seja, 25%.

Tabela 3
Comparação das Estruturas Sociais (%)

Estratos Sociais	Pais			Filhos		
	1973	1996	Diferença	1973	1996	Diferença
Baixo inf.	64,9	55,4	-9,5	32,1	24,0	-8,1
Baixo sup.	6,9	13,1	6,2	16,1	23,5	7,4
Médio inf.	9,3	17,4	7,1	23,7	26,8	3,1
Médio méd	13,8	8,8	-5,0	18,4	13,3	-5,1
Médio sup.	3,1	3,4	0,3	6,3	7,4	1,1
Alto	2,0	2,8	0,8	3,5	4,9	1,4

No estrato baixo-inferior (trabalhadores rurais não-qualificados) a reprodução é grande: 90% dos trabalhadores rurais são filhos de trabalhadores rurais. Mas, no outro extremo da pirâmide social, o estrato alto, ela é mínima: 18,4%. Ou seja, menos de 20% dos integrantes da classe alta do Brasil, são filhos da própria classe alta. Mais de 80% chegaram naquela posição, vindo de estratos mais baixos (Tabela 4).

Tabela 4
Mobilidade Social 1996 (%)
(De onde vieram os filhos?)

Status Pai	Status do Filho					
	Baixo inf.	Baixo sup.	Médio inf.	Médio méd.	Médio sup.	Alto
Baixo inf.	90,4	54,5	49,3	34,6	28,4	20,4
Baixo sup.	2,9	17,9	13,4	18,8	17,6	16,3
Médio inf.	2,5	15,7	26,5	20,3	20,3	16,3
Médio méd.	2,5	8,1	7,5	16,5	16,2	18,4
Médio sup.	1,3	2,6	2,2	5,3	9,5	10,2
Alto	0,4	1,3	1,1	4,5	8,1	18,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Em suma, os brasileiros continuam entrando e saindo em diferentes estratos sociais. Isso sugere que os pobres não permanecem pobres a vida inteira. Nos estratos mais baixos, saem uns, entram outros. Assim como há novos ricos, há também novos pobres.

Entretanto, alguns problemas graves persistem. A precocidade de entrada no mercado de trabalho é um deles. A discriminação racial é outro.

Nos dados de 1973, mais de 70% dos chefes de família homens começaram a trabalhar com menos de 14 anos – a maior parte na zona rural. Nos dados de 1996, esse problema continuou: 70% dos chefes de família começaram a trabalhar antes de 14 anos. A idade média do início do trabalho ficou em 12,5 anos - o que dá a dimensão da precocidade do fenômeno.

Um outro problema que persiste é o da maior dificuldade de ascensão social que afeta os brasileiros de cores preta e parda.

Entre os brancos, 16,5% estão no estrato mais baixo da estrutura social. Entre os de cor preta, são 25%; e entre os pardos, 30,7%. Inversamente, nos estratos médios, a percentagem de brancos é de 35,7%; entre os pardos, é apenas 18%; e entre pretos, 14,2%. A escolaridade média é de 6,6 anos para brancos, 4,2 para pardos e 4,1 para pretos. Os dados mostram que as pessoas de cores preta e parda que nascem em famílias de estratos mais altos correm mais risco de descer na estrutura social do que as de cor branca – independentemente de sua escolaridade.

Enfim, o Brasil mostra sinais de progresso, mas há muitos problemas a resolver. A precocidade de entrada no mercado de trabalho terá de ser combatida com uma maior duração do período escolar. A necessidade de competir no mercado de trabalho terá de ser amparada por uma educação de melhor qualidade. A urgência para se reduzir as discriminações terá de ser trabalhada dentro das teses da democracia racial, como salientou Fernando Henrique Cardoso no prefácio do livro.

O Brasil deve ter entrado no século XXI com um grande volume de mobilidade social ascendente. Mas a crescente racionalização dos processos produtivos, a revolução tecnológica e o aumento da competição exigirão uma substancial melhoria na qualidade do fator trabalho para que a ascensão social prossiga. Continuando a tendência observada (Tabela 5), a mobilidade circular deverá aumentar. Subir na escala social dependerá cada vez mais de competência. Nada medida em que poucos têm acesso a uma boa educação, por algum tempo, a desigualdade persistirá e coexistirá com grande mobilidade de curta distância e pouca mobilidade de longa distância.